

## 18

**Cantiga da  
Reencarnação**

Um homem agonizava, mas embora  
 Não pudesse expressar palavra alguma,  
 Na sombra interior que o desarvora,  
 Pede em silêncio ao corpo:

— “Ampara-me, por Deus!

Eu não quero morrer, ajuda, corpo amigo,  
 Não te quero deixar, preciso estar contigo,  
 Sem ti temo cair em abismos fatais...”

Era o apelo de instantes derradeiros  
 Naquele portador de moléstia obscura,  
 Que ainda não chegara aos cinqüenta janeiros  
 E que tudo indicava  
 Estar descendo à morte prematura.

De consciência lúcida, lembrava  
 Em contrição sincera,  
 As forças que gastara, inutilmente,  
 As noites dos excessos de aguardente  
 E os abusos sem conta que fizera...

E, ante a morte a surgir, sempre mais perto,  
 Continua a rogar ao corpo enfraquecido:  
 — “Corpo que Deus me deu, não me deixes caído,  
 Quero mais tempo, a fim de preparar-me  
 Para aceitar sem medo e sem alarme,  
 A idéia de perder-te e entrar em rumo incerto”.

Entretanto,  
 De espírito cansado,  
 A desfazer-se em pranto,  
 Nas vascas da agonia,  
 Ouviu a voz do corpo fatigado,  
 Que, por fim, lhe dizia:





“Escuta, meu amigo,  
Eu sou teu servo e sei que és meu senhor,  
Sempre te obedeci com desvelado amor,  
Deus me criou para a missão  
De atender-te em completa servidão.  
Nunca me viste a desobedecer  
As ordens que me deste  
Fossem justas ou não,  
Porquanto o meu dever  
É o de servir-te sem reclamação.  
Mas indaga de ti quanta vez me impuseste  
Noitadas de prazer, ruinosas ou vazias,  
Depredando-me as próprias energias  
Que Deus me concedeu, em teu favor...  
Embora eu te avisasse  
Com a minha própria dor  
Que o remorso produz tristeza e enfermidade,  
Adquiriste, displicente,  
Cargas de sombra sobre a própria mente,  
Culpas e culpas sem necessidade...  
Repito: sou teu servo e, em nada te condeno,  
Mas demonstrando entendimento estreito,  
Gastaste-me as reservas sem proveito,  
Consumindo-me as forças,  
A pedaços de abuso e a doses de veneno...  
Dei-te tudo o que eu tinha,  
Nada me resta agora,  
Senão me recolher à derradeira hora,  
Em que eu deva tornar, com segura presteza,  
À recomposição da natureza!...”  
O homem ouviu o corpo em despedida  
Mas não tinha defesa  
Contra os próprios desmandos, ante a vida...  
No silêncio de mágoa indefinida,



... Cada pessoa na Terra  
intimamente é chamada  
a servir, de  
estrada à estrada,  
para a vitória  
do bem.

Voltou-se para Deus em oração,  
Pediú misericórdia, amparo e proteção,  
E, ante o corpo que se lhe enrijecia,  
Chorou o companheiro que perdia...

Longo tempo passou, em clima de amargura,  
No entanto, ao se afundar em crises de loucura,  
Fez-se-lhe a prece continuada,  
Nos sofrimentos em que avança  
Um clarão de esperança...  
Tinha nódoas de culpa, em lágrimas sofria,  
Mas o Céu lhe apontava a luz de novo dia...  
No íntimo, o Senhor o exortava somente  
A regressar ao mundo e tentar novamente  
Extinguir em si mesmo os males que trazia...

O espírito em falência, exânime, inseguro  
Pensou nas novas bênçãos do futuro,  
Viú a reparação por justiça e dever,  
E agradecendo aos Céus  
Gritou feliz, livre mas preso ao chão:  
— “Glória a Deus pela bênção de sofrer,  
Glória à reencarnação que obterei um dia,  
A fim de achar na dor a essência da alegria,  
O dom de trabalhar e a graça de nascer!”